

A EDUCAÇÃO FINANCEIRA, A QUALIDADE DA INFORMAÇÃO E O VIÉS COMPORTAMENTAL NA TOMADA DE DECISÃO

FURTADO, Bruna Magalhães¹; CARDOSO, Yago Caiaffa²

¹Graduada em Ciência da Computação pelo UNIFAGOC

²Mestre em Economia e Gestão Empresarial pela Universidade Cândido Mendes



brrunaa2002@gmail.com
ycaiaffa@gmail.com

RESUMO

O controle das finanças pessoais interfere nas tomadas de decisões, devido à sua capacidade de impactar positiva ou negativamente o sucesso das pessoas em diversos âmbitos. O presente estudo teve como foco principal analisar o comportamento de estudantes de nível superior em questões a respeito da educação financeira, observando se cursos com afinidade à área são influenciados, seja de forma positiva ou negativa, e se o volume de informação pode afetar nas decisões. Para isso, o trabalho apresenta elementos ligados à educação financeira e à alfabetização financeira, apresentando a carga teórica necessária para compreender o comportamento humano no processo decisório e alguns de seus vieses. Por meio de questionário, foram coletadas informações dos estudantes do Centro Universitário Governador Ozanam Coelho (UNIFAGOC), as quais foram analisadas de forma estatística para compreender se as hipóteses são verdadeiras e, em caso afirmativo, como elas podem afetar os indivíduos em suas escolhas.

Palavras-chave: Educação Financeira. Finanças Comportamentais. Alfabetização Financeira.

INTRODUÇÃO

O trabalho e renda, entre outros, consistem em elementos fundamentais para a qualidade de vida do ser humano, uma vez que possibilitam que o ser humano possa se integrar em vida social, consumir os bens comercializados e ampliar suas experiências de vida (Sen, 2012).

Tal fato, porém, deve ser atrelado à forma como o recurso financeiro será utilizado pelo indivíduo e sua família. Essa avaliação busca identificar os recursos disponíveis e suas entradas, bem como as despesas a serem geradas. O descontrole entre esses valores pode desencadear para o indivíduo diversos problemas financeiros, de saúde e sociais, que necessitam ser trabalhados.

Nesse sentido, a Educação Financeira se mostra como um instrumento importante para compreender esse fluxo de recursos dentro de uma família. De acordo com a OECD (2017), a educação financeira é o conhecimento com complemento para a proteção financeira do consumidor, como forma de melhorar sua tomada de decisão e seu bem-estar, bem como para sua estabilidade e desenvolvimento financeiro.

Esse conhecimento visa moldar o comportamento do indivíduo de modo que a utilização dos recursos financeiros seja realizada de forma a desempenhar benefícios para sua vida.

Estudos como os de Guimarães e Inglesias (2021), Carvalho e Carlo (2022), Araújo *et al.* (2021), Silva e Campos (2021), Schwantz e Winck (2021) e Oliveira *et al.* (2021) avaliaram o comportamento financeiro de brasileiros em diferentes grupos, objetivando analisar determinantes do comportamento financeiro desse público. O presente estudo, por sua vez, busca verificar de que forma o conhecimento prévio pode influenciar a posição dos estudantes frente às finanças pessoais.

Nesse sentido, o presente estudo se justifica por apresentar avanços na identificação da importância do conhecimento prévio como elemento para a definição e determinação das finanças pessoais.

EDUCAÇÃO FINANCEIRA, ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA E AS FINANÇAS CORPORTAMENTAIS

Segundo o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa), nosso país apresenta o pior nível de proficiência em matemática, ainda que esta disciplina, obrigatória na matriz curricular, não determine necessariamente a alfabetização ou educação financeira, mas certamente ampara o desenvolvimento pessoal e profissional dos indivíduos, no sentido de refletirem mais sobre sua situação financeira e suas consequências futuras.

A educação financeira, conforme Savoia, Saito e Santana (2007), corresponde ao processo de desenvolvimento de habilidades que auxiliam na tomada de decisões sobre as finanças pessoais. Conforme Silva (2021), a educação financeira contribui para que o indivíduo desenvolva habilidades e conhecimentos capazes de realizar o uso e aplicação consciente do dinheiro. De maneira concisa, a educação financeira pode ser compreendida como um composto de conhecimentos financeiros que proporcionam ao indivíduo administrar suas finanças pessoais com mais sensatez.

Por outro lado, a alfabetização financeira vai mais além. Conforme a OECD (2013), a alfabetização financeira (também conhecida como letramento financeiro) consiste em um complemento para auxiliar o consumidor à inclusão, regulação e proteção financeira, e auxiliar o indivíduo na tomada de decisões.

Já a alfabetização financeira parte do princípio da educação financeira, ou seja, os conhecimentos encadeiam na conduta das pessoas. Seu conceito é mais vasto, pois tem ligação direta com a aplicabilidade da educação financeira, justamente com tomadas de decisões eficazes (Potrich; Vieira; Kirch, 2015). A alfabetização financeira vai além dos conhecimentos, abrangendo algumas habilidades, tais como: entendimento; avaliação; utilização; consciência e comportamento. Assim, entende-se que as habilidades na utilização dos recursos financeiros podem ser desenvolvidas com a utilização de técnicas apropriadas para auxiliar na tomada de decisões dos indivíduos.

De acordo com Silva *et al.* (2021), a alfabetização financeira é sustentada por três pilares bases, sendo eles o Conhecimento (um tipo de capital humano adquirido ao longo da vida, de suas experiências em gerenciar suas receitas, despesas e reservas); o

Comportamento (que consiste no planejamento do uso consciente equilibrado, ou não, dos recursos financeiros disponíveis); e da Atitude (que corresponde às crenças e percepções, ligadas neste cenário à economia, que influenciam o comportamento do indivíduo).

A economia cunhou o termo “*homo economicus*”, que prega que o ser humano é dotado de uma inabalável racionalidade, é capaz de compreender e visualizar todos os custos e benefícios marginais de cada uma de suas escolhas, para sempre ser capaz de maximizar suas escolhas (Zindel, 2008).

Porém, com a evolução do pensamento econômico, foi observado que os agentes podem sofrer vieses que os induzem ao erro, inicialmente como risco, incerteza, excesso ou falta de informações (Carmo, 2005). Ainda assim, existia uma crença de conhecimento infundável, até que Daniel Kahneman e Amos Tversky desenvolveram a Teoria dos Prospectos em seus trabalhos nos anos de 1974 e 1979. Esse modelo utiliza parte das crenças da Teoria da Utilidade Esperada, mas aponta que outros fatores podem influenciar a tomada de decisão, por exemplo, fatores psicológicos (Haubert; Lima; Herling, 2012).

Carmo (2005) aponta que, com isso, foi criada uma área híbrida de conhecimento que misturava conceitos econômicos e psicológicos, a qual recebe diversos nomes, dentre os principais, finanças comportamentais, teoria neuroeconômica ou contabilidade mental.

METODOLOGIA

Este tópico expõe o caminho metodológico para a atual pesquisa, que se caracteriza como um estudo descritivo e de investigação explicativa, realizada no Centro Universitário Governador Ozanam Coelho – UNIFAGOC, durante os meses de março e dezembro de 2023. De acordo com Triviños (1987), o estudo de caso se refere a uma análise aprofundada de um tema, com apoio teórico que encaminha uma investigação. Em consonância, quanto ao seu caráter, trata-se, também, de uma pesquisa de objetivo exploratório que, de acordo com Gil (2008), adere revisões bibliográficas, entrevistas e estudos de caso com indivíduos experientes na área.

Por proceder dados estatísticos e econométricos, escolheu-se a abordagem do tipo quantitativa, definida por ter como propósito a compreensão do grau de instrução financeira dos participantes e sua tomada de decisão, dado o grau de alfabetização e educação financeira dos respondentes, para então compreender os relacionamentos e esclarecer, ou não, a ocorrência de vieses e seus possíveis motivos. Para as análises que se fizeram necessárias foram realizados os testes de comparação de variância.

A fim de alcançar os objetivos propostos, foram aplicados 3 questionários para o grupo de estudantes do UNIFAGOC, os quais foram separados em 3 grupos, de forma aleatória, entre os diferentes cursos da instituição (Administração, Ciência da Computação, Ciências Contábeis, Direito, Educação Física, Enfermagem, Estética e Cosmética, Fisioterapia, Medicina, Nutrição, Odontologia, Pedagogia e Psicologia), independente do período cursado, a fim de não tendenciar a amostra e permitir que a variação amostral buscasse representar o perfil de estudantes do UNIFAGOC.

Segundo as definições de Gujarati e Porter (2011), a amostra dos estudantes e suas possíveis respostas se enquadram como variáveis aleatórias discretas, e, para

garantir a heterocedasticidade do modelo econométrico e reduzir riscos de vieses a coleta dos dados, deve ser realizada de forma aleatória. Peixoto (2012) complementa que o método da aleatorização se baseia na seleção aleatória dos indivíduos que farão parte dos grupos de tratamento e controle, ressaltando ainda que este, quando bem aplicado, consegue balancear as características observadas e as não observadas dos grupos.

A coleta de dados ocorreu através de dados primários, obtidos via Google Formulários, em que os respondentes realizaram o preenchimento de maneira ágil e precisa em um breve momento, destinado pelos professores presentes em cada sala, desde que possuíssem acesso à internet. Foram aplicados 3 questionários: 1) o questionário sem texto prévio, denominado Grupo de controle; 2) o mesmo questionário, mas com um texto prévio curto, de até 1 parágrafo e entre 200 e 250 palavras; e 3) o mesmo questionário, mas com um texto prévio longo, com 350 a 400 palavras.

O questionário foi segmentado em 5 tópicos, sendo a primeira parte com perguntas voltadas à conhecimento de amostra com perguntas como idade, gênero, cidade de residência, curso realizado, renda familiar, estado civil e número de filhos e pessoas no núcleo familiar.

Os outros 4 tópicos apresentavam as perguntas de cunho técnico, que deveriam ser respondidas com concordância e discordância a respeito das afirmações em escala Leifert de 9 graus. Essas perguntas versavam sobre planejamento financeiro, conhecimento financeiro, consumo e aplicações financeiras, com 7, 7, 12, 11 perguntas, respectivamente.

O questionário consistia em perguntas sobre o processo de tomada de decisão, se o indivíduo possuía educação financeira prévia, se o modelo do questionário apresentava informações prévias satisfatórias e se considerava excesso de informação como insatisfatório, conforme apontado por Wurman (1999). Diante dessa situação, foi possível a criação de quatro grupos (Quadro 1), possibilitando analisar os pares com o máximo de semelhança entre os grupos, mediante os dados coletados, assim como apresentar resultados menos sujeitos a vieses de variáveis não observadas.

Quadro 1 - Grupos do questionário

GRUPO	DESCRIÇÃO	PAPEL
E1D1	POSSUI educação prévia e recebeu o questionário com informações SATISFATÓRIAS	CONTROLE
E1D0	POSSUI educação prévia e recebeu o questionário com informações INSATISFATÓRIAS	CASO
E0D1	NÃO POSSUI educação prévia e recebeu o questionário com informações SATISFATÓRIAS	CONTROLE
E0D0	NÃO POSSUI educação prévia e recebeu o questionário com informações INSATISFATÓRIAS	CASO

Fonte: dados da pesquisa.

Dessa forma, foi possível analisar os pares com o máximo de semelhança entre os grupos, a partir dos dados coletados, e apresentar resultados menos sujeitos a vieses de variáveis não observadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Caracterização da Amostra

A amostra deste estudo foi composta por 167 indivíduos matriculados em diversos cursos de graduação do Centro Universitário Governador Ozanam Coelho (UNIFAGOC). As idades dos participantes variaram entre 18 e 64 anos, com uma média de 23 anos, refletindo uma amostra predominantemente jovem, resultado esperado, uma vez que grande parte do público é formada por alunos recém-saídos do ensino médio.

Os cursos avaliados foram: Administração, Ciência da Computação, Ciências Contábeis, Direito, Educação Física, Enfermagem, Estética e Cosmética, Fisioterapia, Nutrição, Odontologia, Pedagogia e Psicologia; dentre estes, os cursos com maior número de respondentes eram Administração, Ciências Contábeis e Psicologia, respectivamente, totalizando aproximadamente 60% da amostra.

Considera-se que os alunos da área de negócios (Administração e Ciências Contábeis), têm conhecimento prévio, devido ao estudo de finanças, entre outros durante sua graduação. Estes totalizaram 78 alunos (46,7%), enquanto os alunos considerados sem conhecimento prévio corresponderam a 89 alunos (53,3%).

Os respondentes residem em Ubá ou outras 15 cidades ao redor, e os números mais relevantes referiam-se a Ubá, Visconde do Rio Branco e Tocantins, respectivamente, totalizando aproximadamente 60% da amostra.

Quanto à renda familiar, menos de 15% dos respondentes afirmaram ter renda familiar inferior a 1 salário-mínimo ou superior a 10 salários-mínimos. A maioria dos dados se concentrou entre 1 e 10 salários-mínimos, enquanto o maior número de alunos correspondeu a faixa de 2 a 3 salários-mínimos.

Análise dos Questionários

A respeito da qualidade das instruções de preenchimento e da resposta dos participantes, observou-se que o Formulário A (ou 1), ao qual 60 participantes responderam, não apresentava orientações sobre o preenchimento, portanto foi classificado como “contendo informações insatisfatórias”. O Formulário B (ou 2), com 58 respondentes, possuía instruções em excesso, dificultando o entendimento e resultando em uma avaliação insatisfatória. Já o Formulário C (ou 3), respondido por 49 participantes, apresentou instruções claras e relevantes, e suas informações foram consideradas satisfatórias.

Tabela 1 - Resultado por Tipo de Questionário
-> Questionário 1

Variável	N	Média	CV	Mín.	Máx.
Planejamento	60	6,47	0,31	1,29	9,00
Consumo	60	4,81	0,48	1,00	9,00
Conhecimento	60	6,31	0,24	1,92	9,00

Aplicação	60	4,17	0,60	1,00	9,00
-----------	----	------	------	------	------

-> Questionário 2

Variável	N	Média	CV	Mín	Máx
Planejamento	58	5,64	0,36	1,00	9,00
Consumo	58	4,12	0,53	1,00	8,71
Conhecimento	58	6,18	0,24	2,33	9,00
Aplicação	58	3,83	0,51	1,00	8,45

-> Questionário 3

Variável	N	Média	CV	Mín	Máx
Planejamento	49	6,30	0,35	1,00	9,00
Consumo	49	4,34	0,58	1,00	9,00
Conhecimento	49	6,74	0,24	2,67	9,00
Aplicação	49	4,17	0,54	1,00	9,00

Fonte: dados da pesquisa.

Conforme observado na Tabela 1, os resultados do Questionário 2 tiveram as piores médias em relação ao 1 e ao 3, os quais tiveram resultados médios relativamente semelhantes. Dessa forma, é possível observar que o excesso de informação é prejudicial e pode influenciar a tomada de decisão, pois pode criar dificuldades de localizar informações úteis, ou por dificuldade de compreensão ou ainda por indecisão (Oliveria; Vargas; Caregnato, 2023).

Quanto ao fato de a ausência de informação (Questionário 1) ter resultados médios similares à informação de qualidade (Questionário 3) é contraintuitivo e contra a literatura. Castells (2002) afirma que a qualidade da produtividade e da tomada de decisão depende da qualidade da informação e da capacidade de absorver e reter informações; dessa forma, era esperado que o resultado do Formulário 1 apresentasse médias inferiores ao resultado do Formulário 3.

Quanto ao fato de o Questionário 1, que carecia de informações de preenchimento, apresentar resultados médios similares aos do Questionário 3, que continha informações de qualidade, é uma observação contraintuitiva e contrária à literatura. De acordo com Castells (2002), a produtividade e a qualidade das decisões dependem diretamente da qualidade das informações disponíveis e da capacidade de absorção e retenção dessas informações. Dessa forma, era esperado que os resultados médios do Questionário 1 fossem inferiores aos do Questionário 3.

Uma das possíveis causas do efeito destacado é que o Questionário 1 teve um número absoluto de respondentes da área de negócios superior ao dos demais questionários; todavia, em termos percentuais, o número de alunos das áreas de negócios de ambos os formulários ficou próximo de 51%. Dessa forma, é necessário aprofundar as observações de dispersão, conforme a Tabela 2.

Tabela 2 - Questionários por grupo de alunos

Questionário	Não Negócios (d_negocios = 0)						Alunos de Negócios (d_negocios = 1)					
	N	MÉDIA	CV	ME D	MÍN	MÁX	N	MÉDIA	CV	ME D	MÍN	MÁX
1	2						3					
	9	5,05	0,34	4,84	1,80	9,00	1	5,80	0,28	5,50	2,40	9,00
	3						2					
2	6	5,24	0,23	5,05	3,30	8,55	2	4,45	0,35	4,97	1,83	7,27
	2						2					
3	4	5,12	0,29	5,16	1,60	8,65	5	5,65	0,32	5,67	2,12	8,88
TOTAL	8						7					
	9	5,15	0,28	5,02	1,60	9,00	8	5,37	0,32	5,39	1,83	9,00

Fonte: dados da pesquisa.

Dessa forma, não poderia ser justificado que o conhecimento prévio dos alunos de negócios e sua maior participação no Formulário 1 tiveram efeito de potencializar a média dos resultados, equilibrando-se com o Formulário 3; no entanto, ao observar a dispersão dos dados, pode-se observar que a amplitude e o coeficiente de variação do Questionário 1 foram superiores aos do Questionário 3, o que pode indicar que alguns usuários tendenciaram a média para um patamar mais elevado.

Ainda na Tabela 2, é possível observar que a média dos alunos de Administração é superior à das demais áreas, porém eles também aparentam ser mais heterogêneos, dado o seu maior coeficiente de variação.

Outras Análises do Desempenho

Ao comparar os gêneros dos alunos, foi observado que, em termos gerais, os de gênero masculino obtiveram um resultado superior aos do sexo feminino, cerca de 10%. O teste de médias evidenciou que existem evidências estatísticas do efeito com 95% de confiança. Esse resultado foi evidenciado também por Cardoso (2022), segundo o qual homens tendem a aceitar mais riscos, a afirmar que têm mais conhecimento em finanças e estão mais sujeitos a sofrer de excesso de confiança nesse aspecto.

Ainda segundo Cardoso (2022), o mesmo acontece com os alunos que são de áreas dos negócios, como Administração e Ciências Contábeis. No caso desta amostra, eles tendem a ter um maior excesso de confiança quando o assunto é finanças, ainda que na amostra se tenha obtido uma diferença pouco significativa (4%).

Os resultados da Tabela 3 evidenciam que os indivíduos com a menor faixa salarial, de 0 a 1 salários-mínimos, obtiveram a melhor média no quesito planejamento, provavelmente devido à forte restrição orçamentária, o que demanda um grande controle.

Tabela 3 - Avaliação por Faixa Salarial						
Faixa Salarial	N	Médio	Planejament o	Consum o	Conheciment o	Aplicaçã o
0 a 1 salário-mínimo	12	6,0	7,2	5,4	6,6	4,8
Maior que 1 a 2 salário-mínimo	49	5,1	6,0	4,2	6,2	3,8
Maior que 2 a 3 salários-mínimos	68	5,2	6,2	4,4	6,4	3,8
Maior que 5 a 10 salários-mínimos	27	5,0	5,5	3,8	6,4	4,1
Maior que 10 salários-mínimos	11	6,5	6,9	6,3	6,8	5,9

Fonte: dados da pesquisa.

Outro ponto a se destacar é que, na faixa de maior que 10 salários-mínimos, observou-se a melhor média em consumo, conhecimento e aplicação. Provavelmente isso se dá devido a um conhecimento prévio advindo de questões familiares, o que pode implicar um consumo mais consciente, enquanto a aplicação pode ser a melhor devido ao conhecimento e à maior disponibilidade de renda para investimentos.

Quanto à média de cada curso, contra intuitivamente, Ciências Contábeis apresentou a pior média em Planejamento e em Conhecimento, o que não seria esperado de acordo com a teoria proposta, e o curso de Odontologia apresentou a pior média em Consumo e Aplicação.

No que se refere às melhores médias, Direito obteve o melhor resultado no quesito Planejamento; Administração, no tópico de Consumo; Enfermagem, em Conhecimento; e Educação Física, em Aplicação.

Esses resultados demonstram a grande variedade de dados encontrados na instituição, evidenciando que é necessária uma literatura complementar a fim de justificar a incongruência verificada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa tratou da investigação por meio da aplicação de questionários que analisaram o comportamento de estudantes de nível superior em questões relacionadas à educação financeira, com especial atenção à influência dos cursos com afinidade à área, e ao impacto do volume e qualidade das informações fornecidas. Os resultados demonstraram que, embora a educação prévia tenha um papel importante no desempenho acadêmico, a qualidade das informações recebidas é um fator crítico que pode potencializar ou mitigar o sucesso educacional dos alunos.

Observou-se que estudantes matriculados em cursos com maior afinidade à área de finanças, como Administração e Ciências Contábeis, tendem a apresentar um desempenho superior em aspectos como consumo e aplicação, especialmente quando munidos de informações claras e adequadas. Por outro lado, mesmo entre esses estudantes, verificou-se baixa média em planejamento e conhecimento, principalmente na presença de informações insatisfatórias, evidenciando a importância de uma comunicação eficaz no ambiente educacional.

A pesquisa também destacou a vulnerabilidade de alunos sem uma educação prévia robusta, que, quando expostos a informações de baixa qualidade, demonstram maiores dificuldades em áreas que exigem conhecimento específico. Esse grupo, em particular, ilustra a necessidade de estratégias educacionais diferenciadas que possam compensar a falta de uma base anterior, promovendo um aprendizado mais inclusivo e equitativo.

Adicionalmente, o estudo sugere que a educação financeira deve ser abordada de forma mais ampla e sistemática nas instituições de ensino superior, considerando não apenas os cursos diretamente relacionados à área, mas também aqueles que, à primeira vista, podem parecer menos conectados ao tema. Isso se torna ainda mais relevante em um contexto no qual a compreensão financeira é essencial para a tomada de decisões, tanto na vida pessoal, quanto na profissional.

Por fim, este estudo contribui para a compreensão das interações entre educação prévia, qualidade da informação e desempenho acadêmico, oferecendo insights valiosos para educadores, administradores e formuladores de políticas educacionais. Ao reconhecer as complexidades envolvidas na formação educacional e na disseminação de informações, é possível desenvolver abordagens mais eficazes que promovam o sucesso acadêmico e, conseqüentemente, profissionais mais capacitados e conscientes de suas decisões financeiras.

REFERÊNCIAS

BASTOS, R. **Educação Financeira**. [S. l.]: Agencia Sebrae, 2010. Disponível em: <https://www.agenciasebrae.com.br/noticia.kmf?canal=36&cod=9846088>. Acesso em: 14 mar. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: matemática**. Ensino de 5^a a 8^a séries. Brasília-DF: MEC, 1998.

CARDOSO, Yago Caiaffa. **Finanças comportamentais e o excesso de confiança**. São Paulo: Dialética. 2022.

CARMO, Leonardo Correa do. **Finanças comportamentais: uma análise das diferenças de comportamento entre investidores institucionais e individuais**. 2005. 91 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – PUC-RIO, Rio de Janeiro.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**: vol. I. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

EL KHATIB, A. S. **Educação financeira: aprenda a cuidar melhor do seu dinheiro**. São Paulo: All Print Editora, 2010.

- GUIMARÃES, Thayse Machado; IGLESIAS, Thayla Machado Guimarães. Educação financeira: um estudo comparado entre os estudantes do ensino médio de um instituto federal de Minas Gerais. **Revista de Gestão, Finanças e Contabilidade**, v. 11, n. 1, p. 94-111, jan./abr. 2021. ISSN2238-5320. UNEB: Salvador/BA. 2021.
- GUJARATI, D. N.; PORTER, D. C. **Econometria básica**. 5. ed. Porto Alegre: AMGH, 2011. 212 p
- MODERNELL, A. **Educação financeira**. 2011. Disponível em: Acesso em: 7 out. 2023.
- OECD – Organization for Economic Co-Operation and Development. **PISA 2015 Results** (volume IV): students’ financial literacy. Paris: PISA, OECD Publishing, 2017.
- OLIVEIRA, A. L.; VIEIRA, C. C.; AMARAL, M. A. F. O questionário online na investigação em educação: reflexões epistemológicas, metodológicas e éticas. In: NOBRE, A., MOURAZ, A.; Duarte, M. (Eds.). **Portas que o digital abriu na investigação em educação** (p. 39-67). Universidade Aberta.
- OLIVERIA, M.; VARGAS, M.; CAREGNATO, S. E. Ansiedade de informação: efeitos no comportamento informacional de estudantes em mobilidade acadêmica no exterior. **e-Ciencias de la Información**, v. 13, n. 2, 2023. doi: 10.15517/eci.v13i2.53038.
- PEIXOTO, Betânia *et al.* **Avaliação econômica de projetos sociais**. Fundação Itaú Social, 2012.
- SAVOIA, J. R. F.; SAITO, A. T.; SANTANA, F. A. Paradigmas da educação financeira no Brasil. **Revista de Administração Pública**, v. 41, n. 6, p. 1121-1141, 2007. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/6620/5204>. Acesso em: 7 out. 2011.
- SCHWANTZ, A. S.; WINCK, C. A. Educação e alfabetização financeira de alunos de graduação em uma IES catarinense. **Desenvolvimento em Questão**, v. 19, n. 56, p. 225-245, 24 nov. 2021.
- THEODORO, Flavio Roberto Faciolla. **O uso da matemática para educação financeira a partir do ensino fundamental**. Taubaté – SP, maio de 2008. Disponível em: <http://www.educacaofinanceira.com.br/tcc/tccflaviotaubate.pdf>. Acesso em: 02 out. 2015.
- VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2006.
- WURMAN, Richard Saul. **Ansiedade de informação**: como transformar informação em compreensão. São Paulo: Cultura, 1999.
- ZINDEL, Márcia T. Longen. **Finanças comportamentais**: o viés cognitivo excesso de confiança no julgamento em investidores e sua relação com bases biológicas, 2008. 131 f. Tese (Doutorado em Inteligência Organizacional) – Engenharia de Produção, Santa Catarina.